

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

ROSANA MARIA DOS SANTOS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE
SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Três Cachoeiras

2011

ROSANA MARIA DOS SANTOS

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO DE
SOCIALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado a comissão de graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Clevis Elena Rapkiewicz, DSc.

Tutora: Analissa Scherer

Três Cachoeiras

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitoria de Graduação: Pró-Reitora Valquíria Linck Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me fazer perseverante e me firmar, fortificar e fundamentar.

Aos meus filhos, pelo amor incondicional e compreensão constantes. Obrigada por serem generosos ao compreender e desculpar minhas ausências.

A minha família, por ser meu porto seguro e não permitir minha abnegação nos momentos de desespero e desalento.

Aos meus amigos, pela crença e o incentivo depositados em mim, que me fizeram crer que era possível transcender a este momento.

Meu reconhecimento a orientadora Clevi, pelo comprometimento, pela sabedoria e incomparável habilidade para conseguir o melhor de mim.

Minha consideração a tutora Analissa, pelas valiosas orientações e encorajamento.

Aos professores, tutores de pólo e tutores de sede, coordenadores, pelos conhecimentos compartilhados, aos secretários da UFRGS e do Pólo de Três Cachoeiras, pela paciência, incentivo e dedicação dispensados em todos os momentos.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial, a coordenadora do curso de graduação, Rosane Aragón de Nevado, pelo apoio institucional e pelas oportunidades oferecidas para que a concretização deste curso fosse possível.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.

Michel Foucault

RESUMO

O presente trabalho se constitui em um estudo da socialização da criança da educação infantil. O processo de socialização inicia-se desde o nascimento da criança e continua por toda sua vida, de forma que durante o crescimento são adquiridos posturas, hábitos e comportamentos necessários para a convivência em grupo. Na intenção de constituir um ser social, as histórias da literatura infantil, através da contação de histórias, estimulam o desenvolvimento intelectual promovendo ideais e atitudes positivas que contemplam a formação de posturas e habilidades que contribuem para a formação pessoal e social. Neste contexto o presente trabalho se constitui em um estudo de caso que tem como foco central a contação de histórias como instrumento de socialização no contexto da educação infantil. O objetivo que se propõe o presente trabalho, através da exploração desta prática, refletir e analisar a importância da contação de histórias e sua relação com a socialização na criança de 05 anos na educação infantil. O estudo apoiou-se na realização da prática pedagógica do estágio, desenvolvida com uma turma de pré-escolar, constituída de onze alunos, com crianças entre cinco e seis anos de idade, de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino na cidade de Terra de Areia-RS. A análise feita diz respeito a diferentes aspectos de socialização observados durante as atividades de contação de histórias e delas derivados durante o estágio docente. Pode-se perceber que a contação de histórias é instrumento de grande valia no processo de socialização, interferindo principalmente nos seguintes aspectos: individualismo, segregação, respeito às diferenças, solidariedade e consideração pelo outro.

Palavras-chave: Contação de histórias, Educação Infantil, Socialização

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	8
LISTA DE FIGURAS	9
INTRODUÇÃO	10
2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	12
2.1. Justificativa e motivação	12
2.2. Caracterização do problema	13
2.3. Questões, hipótese e objetivos da pesquisa	15
2.4. Metodologia	16
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1 SOCIALIZAÇÃO	18
3.1.1 O que é	18
3.1.2. Estádio do desenvolvimento cognitivo	20
3.1.3. Onde acontece	22
3.1.4. O que dizem a LDB e o RCNEI?.....	23
3.2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	25
3.2.1. Contar histórias, mas quais?	25
3.2.2. Como contar histórias	27
3.2.3. Por que contar histórias	28
4. RESULTADOS	31
4.1. A socialização da criança de 05 anos e a contação de histórias	33
4.2. A contação de histórias no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança de 05 anos.....	40
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A – Histórias utilizadas	49
APÊNDICE B – Termo de Consentimento	50
ANEXOS	51

LISTA DE SIGLAS

- RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
- LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- CD: Compact disc, em português, Disco Compacto
- DVD: Digital Versatile Disc, em português, Disco Digital Versátil
- EMEI: Escola Municipal de Educação Infantil
- FACED: Faculdade de Educação
- PEAD: Pedagogia à Distância
- UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Contando a história para os colegas	32
Figura 2 - Brincadeiras na casinha	33
Figura 3 - Brincando na casinha – O casamento da Dona Baratinha	33
Figura 4 - Relatos diários- início	34
Figura 5 - Relatos realizados em detalhes	35
Figura 6 - O material	35
Figura 7 – Seleção no brinquedo	36
Figura 8 - Colaboração entre colegas	36
Figura 9 - Brincadeira livre – coletividade	37
Figura 10 - Confeccionando palitoches	38
Figura 11 - Interpretando os personagens da história	39
Figura 12 – Imitando gente grande	40
Figura 13 – Imagem e semelhança	41
Figura 14 - Auto-retrato	41
Figura 15 - Apresentação de teatro na formatura	42

1. INTRODUÇÃO

A contação de histórias se faz desde o início dos tempos.

Que pessoa, em toda sua trajetória de vida não foi encantada pelas histórias, sejam elas, as que ilustram a trajetória de um povo, marcos históricos, as científicas ou as histórias infantis, que nos dão a oportunidade de voar nas asas da imaginação e nesse mundo imaginário, se abrem as portas para um mundo maravilhoso.

Segundo Dohme (2000, pag.5) “as histórias são um ‘Abra-te sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem”. Com a abertura destas portas, são disponibilizadas inúmeras oportunidades para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, da oralidade e da escrita, bem como favorece o desenvolvimento pessoal e social dos alunos da educação infantil.

Através da contação de histórias infantis e dos contos de fadas, temos a oportunidade de representar papéis e cenas do cotidiano, tomando posições e solucionando problemas de forma livre, sem a intervenção das pressões da realidade, podendo experimentar outras formas de ser e pensar (BRASIL, 1998). Isso possibilita a criança inventar seu próprio mundo, descobrindo respostas as necessidades infantis, sendo utilizadas de forma fantasiosa revelando situações que levam liberar a imaginação, ao pensamento e ao desenvolvimento pessoal, reconhecendo suas emoções, possibilitando novas vivências relevantes para o processo de socialização (BRASIL, 1998).

Conforme minhas observações realizadas durante o estágio docente, surgiram algumas questões em relação ao uso da contação de histórias no desenvolvimento do ensino aprendizagem, explorando a utilização desta prática e sua contribuição no desenvolvimento pessoal e social da criança de 05 anos na educação infantil.

Este trabalho teve como metodologia o estudo de caso, onde foi realizada uma pesquisa qualitativa realizada durante o período de estágio docente supervisionado, tendo como foco a socialização da criança de 05 anos onde a contação de histórias foi utilizado como instrumento.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é constituído de cinco partes, compostos pela introdução e quatro capítulos, que procuram ilustrar ao leitor traçando de forma geral a escolha do tema deste trabalho, bem como o referencial

teórico, as evidências analisadas e as considerações finais sobre o uso da contação de história como instrumento socializador.

Para melhor entendimento, segue um breve relato do conteúdo disposto em cada capítulo.

O capítulo dois trata da construção do objeto de pesquisa. Neste capítulo são apresentadas ao leitor as justificativas e as motivações da escolha do tema, onde é descrita minha trajetória pessoal e profissional, em como adquiri o gosto pela leitura, após apresenta a caracterização do problema. Em seguida, apresenta questões, hipóteses e objetivo do estudo de caso, apresenta a questão norteadora e a partir desta questão, estabeleceram-se questões específicas, hipótese, objetivos específicos bem como a metodologia usada no desenvolvimento da pesquisa.

O capítulo três, dividido em duas partes, traz o referencial teórico a partir de autores que falam sobre socialização e contação de histórias. Discorro, na primeira parte deste capítulo sobre o que é socialização, o estágio do desenvolvimento cognitivo, onde acontece a socialização, tendo como instâncias de socialização primárias a família e a escola. Na segunda parte deste capítulo, traz um apanhado geral sobre a contação de histórias da literatura infantil, focalizando a importância de como ler e contar histórias para criança na educação infantil, e finalizando o capítulo, por que contar histórias.

O capítulo quatro traz a análise dos resultados obtidos pelo estudo de caso, o qual foi desenvolvido com crianças de 05 a 06 anos da Escola Municipal de Educação Infantil Madre Teresa, localizada no município de Terra de Areia-RS, sendo a maioria dos alunos desta turma de nível sócio-econômico médio-baixo. Essa análise diz respeito a diferentes aspectos de socialização observados durante as atividades de contação de histórias e delas derivados durante o estágio docente.

E por fim, o capítulo cinco contém as considerações finais a respeito das evidências do favorecimento da socialização na educação infantil tendo sido utilizado como instrumento a contação de histórias.

2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Este capítulo apresenta ao leitor as motivações que levaram a escolha do tema do presente estudo de caso. Além disso, este capítulo também apresenta a caracterização do problema abordado, questões de pesquisa, hipóteses, o objetivo da pesquisa, bem como a metodologia usada.

2.1. Justificativa e motivação

Ao fazer uma retrospectiva e recordar de minha infância, não consigo lembrar como foi que adquiri o hábito pela leitura e saber interpretar a mensagem ou o objetivo que cada história possui. Gosto muito de ler, não importando o gênero.

Durante o período em que estava na primeira série, assim como no decurso das outras séries, uma vez por semana, éramos levados para a biblioteca onde estavam previamente separados, em quatro mesas distintas, 1^a, 2^a, 3^a e 4^a séries, os livros. Sendo que éramos avisados categoricamente que não poderíamos mexer nos livros das outras mesas e fazer absoluto silêncio enquanto permanecêssemos ali. Lembro que todos os alunos tinham medo da bibliotecária.

Não tenho lembrança deste tempo, se algum dos professores que tive, tenham contado ou interpretado alguma história infantil, muitas vezes não se sabia a razão e para que se estava lendo alguma coisa para depois escrevê-la. Parecia que era somente uma dinâmica para passar o tempo. Não conseguia compreender as mensagens que tinham por trás de cada história e nem que poderiam me ajudar a perceber a realidade e também lidar com os meus medos. Na época, não tinha qualquer informação e conhecimento do que abrangia essas histórias, nem como poderia fazer um bom uso delas.

Quando estava cursando o magistério, a razão de estar neste curso, segundo os professores, era que estávamos sendo preparados para ensinar, transmitir conhecimentos e que seria dada uma fórmula mágica para que isso acontecesse. Durante três anos, exerci o magistério com alunos em uma classe multisseriada composta por alunos de 1^a, 3^a e 4^a séries. Não consegui ter a satisfação de

desenvolver na prática o que me foi ensinado, de maneira que em 1989, me desliguei da área da educação com uma enorme frustração. Não conseguia identificar onde estava a falha.

No decorrer do curso de Pedagogia do PEAD, apareceu uma necessidade de exorcizar alguns fantasmas em relação às questões literárias. Para que isso fosse possível, necessitava vivenciar atividades diferentes daquelas que tive no início de minha vida escolar.

As motivações que me fizeram escolher este tema, através da interdisciplina de Literatura Infanto-Juvenil e Aprendizagem, são as reflexões sobre a importância da socialização da criança de 05 anos na educação infantil, o desenvolvimento pessoal e do gosto pela leitura¹, que pode ser desenvolvido utilizando a contação de histórias. Quem ouve histórias desenvolve capacidades como o entendimento e compreensão, tornando-se um leitor crítico e formador de opinião.

Da mesma forma, o uso da contação de histórias são respostas as necessidades infantis, sendo utilizado de forma fantasiosa revelando situações que levam a criança liberar sua imaginação, o pensamento.

Da mesma forma, os estudos oportunizaram uma reflexão sobre minha formação, como indivíduo que é parte integrante de uma sociedade e devo estar comprometida com ela.

2.2. Caracterização do problema

O problema pesquisado partiu da observação de uma turma de educação infantil na qual constatei o individualismo, a segregação, a falta de consideração e solidariedade pelo outro e o não respeito à diferença. Não na turma como um todo, mas havia manifestações isoladas que mostravam dificuldades de socialização.

Neste contexto, pensei na contação de histórias como instrumento de socialização.

Neste sentido, os estudos apontaram que as histórias são transformadas de maneira que a criança consiga perceber seu objetivo, estando colocadas objetiva ou

¹Na Educação Infantil, “Ler” é manusear os livros, observando as imagens e figuras dos livros

subjetivamente, abordando temas que falam de sentimentos e acontecimentos presentes em situações cotidianas, as quais em algum momento são vivenciadas, alguns mais intensamente, outros nem tanto. Da mesma forma, as situações apresentadas pelas histórias infantis oportunizam a criança a identificar os acontecimentos, reconhecendo e comparando situações, sentimentos e atitudes fazendo relação com suas vivências, proporcionando uma compreensão de si próprio e do ambiente a sua volta.

Neste contexto, o problema abordado neste trabalho está relacionado com a socialização na educação infantil e com as possíveis intervenções que podem ser feitas a respeito através da contação de histórias.

2.3. Questões, Hipótese e Objetivos da Pesquisa

O tema deste trabalho de conclusão de curso é a contação de história e sua relação com a socialização da criança de 05 anos na educação infantil.

Assim, considerando o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão de pesquisa:

- *Qual a influência da contação de histórias na socialização de crianças de 05 anos na educação infantil?*

A partir dessa questão, identificam-se as seguintes questões específicas:

- *A contação de histórias pode favorecer a mudança de atitudes de alunos de 05 anos em sala de aula?*
- *A contação de histórias facilita ao aluno falar de si mesmo?*

Neste sentido, a pretensão deste trabalho é verificar e refletir as práticas pedagógicas desenvolvidas durante o estágio docente supervisionado, tendo sido utilizados como recurso diferentes tipos de mídias para a contação de histórias associadas às atividades pedagógicas das diferentes áreas de conhecimentos, analisando qual a influência desta prática no desenvolvimento pessoal e social na criança de 05 anos frente às inúmeras situações vividas no cotidiano infantil.

Nesse contexto, parte-se da hipótese que:

- *A contação de histórias favorece a socialização, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social da criança na educação infantil.*

Portanto, este trabalho tem como objetivo geral verificar, analisar e refletir sobre a utilização da contação de histórias como instrumento de socialização, explorando a utilização desta prática e sua contribuição no desenvolvimento pessoal e social da criança na educação infantil.

Decorrentes desse objetivo geral propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- *Verificar se houve mudanças de atitudes em sala de aula dos alunos da turma analisada;*
- *Verificar se as práticas utilizadas promoveram a comunicação pessoal dos alunos.*

2.4. Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho de conclusão de curso é o Estudo de Caso, baseado em uma investigação qualitativa, realizada durante o período de estágio docente supervisionado tendo como foco a contação de história como instrumento socializador.

Entre os métodos utilizados em pesquisas, Yin (2001) afirma que,

o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas. (YIN, 2001, pag. 35)

O estudo de caso escolhido tem por objetivo analisar e compreender de que forma o uso da contação de histórias no contexto escolar, influenciam na formação pessoal e na socialização dos alunos da educação infantil.

De acordo com Gil (1995, p. 58), são definidas quatro fases que estão relacionadas ao estudo de caso:

- *Delimitação da unidade-caso;*
- *Coleta de dados;*
- *Seleção, análise e interpretação dos dados;*
- *Elaboração do relatório.*

A vantagem do estudo de caso possibilita ao investigador fazer estudos exploratórios de determinada unidade, neste caso numa turma de Pré-Escolar, em

razão de uma situação específica, tentando identificar os resultados, mas limitando-se as dificuldades de generalização desses resultados (Gil, 1995), uma vez que ele não pode interferir e induzir ao resultado desejado.

As conclusões deste trabalho não podem ser generalizadas.

O presente estudo de caso foi desenvolvido com a turma do Pré-II, constituída de 11 alunos, sendo seis meninas e cinco meninos, entre setembro e novembro de 2010, com crianças de 05 a 06 anos de idade na Escola Municipal de Educação Infantil Madre Teresa, localizada no bairro Centro, município de Terra de Areia-RS, sendo a maioria dos alunos desta turma de nível sócio-econômico médio-baixo.

A escola, mais conhecida como creche Madre Teresa, foi fundada em 1974, tendo passado por várias dificuldades e mudanças de locais de suas instalações até meados de 1983.

Atualmente, a E. M. E. I. Madre Teresa, tem 120 crianças matriculadas, distribuídas em dois turnos. O horário de funcionamento da escola é das 7 horas às 19 horas, de segunda a sexta-feira. O número de funcionários efetivos que fazem o atendimento na escola são 36 pessoas, entre profissionais nomeados, contratados emergencialmente e estagiários conveniados, distribuídos entre os cargos de direção, professores, atendentes, serventes/merendeiras, auxiliar de serviços gerais e estagiários.

Ao desenvolver meu projeto de estágio, fiz uso de mídias como livros ilustrados de histórias infantis, revistas, jornais, utilizando como recurso audiovisual equipamentos eletro-eletrônicos como reproduutor de DVD e CD, aparelho de som e CD *player*, projetor multimídia e de informática como *notebook*.

Visando explicitar quais foram os pressupostos que orientou este trabalho, o próximo capítulo apresenta a fundamentação teórica.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em duas partes: uma traz o referencial teórico a partir de autores que falam sobre socialização, tendo como instâncias de socialização primárias a família e a escola. A segunda parte deste capítulo faz um apanhado geral sobre a contação de histórias da literatura infantil, focalizando a importância de ler e contar histórias para criança na educação infantil, de acordo com os escritos dos autores sobre estes temas.

3.1. SOCIALIZAÇÃO

3.1.1. O QUE É

Segundo o dicionário do Pensamento Social do Século XX socialização é:

Os processos pelos quais os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social são denominados socialização. Começam na infância e prosseguem ao longo da vida. A socialização é um processo de aprendizagem que se apóia, em parte, no ensino explícito e, também em parte, na aprendizagem latente – ou seja, na absorção inadvertida de formas consideradas evidentes de relacionamentos com os outros. (OUTHWAITE,1996, pag. 710)

Partindo deste contexto, o processo de socialização, inicia-se desde o nascimento da criança, estando presente nas relações entre pais e filhos que suprem as necessidades da criança. Durante o crescimento, os pais transmitem a criança valores familiares, comportamentos e atitudes, costumes, crenças, entre outros princípios que julgarem corretos.

[...] Depois da família, as principais agências socializantes nas sociedades ocidentais são: a escola e os grupos dos pares, o ingresso na vida econômica, a exposição aos veículos de comunicação de massa, o estabelecimento de uma família e o casamento, a participação na vida comunitária organizada e, finalmente, as condições de aposentadoria. (OUTHWAITE,1996, pag. 712)

Então, de acordo com o texto, pode-se dizer que a escola é uma das principais fontes de socialização para criança.

A socialização é um processo interativo, necessário para o desenvolvimento, através do qual a criança satisfaz suas necessidades e assimila a cultura ao mesmo tempo que, reciprocamente, a sociedade se perpetua e desenvolve. Este processo inicia-se com o nascimento e, embora sujeito a mudanças, permanece ao longo de todo o ciclo vital. (BORSA, 2007, p. 1)

Sendo a escola uma das fontes de socialização, nela a criança conhecerá e conviverá com outras crianças desenvolvendo relações de afetividade, conviverá com outros adultos que não seus familiares, adaptando-se as regras da escola, como horário de chegada, a formação da fila, ao uso de uniformes, enfim, o que pode ou o que não pode fazer dentro deste ambiente.

A criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. (BRASIL, 1998, Vol. 1, p. 21).

Normalmente, o tempo que a criança fica em casa até chegar o período escolar está habituado com as regras e o comportamento familiar.

A escola será determinante para o desenvolvimento cognitivo e social infantil, [...] É na escola se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo, nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição de princípios éticos e morais que permeiam a sociedade [...] (BORSA, 2007, p.2)

De acordo com a autora, na escola, a criança irá conviver e se adaptar a novos costumes, atitudes e irá construir um conjunto de princípios éticos e morais, como solidariedade, respeito e consideração pelo outro, bem como assumir responsabilidades consigo, com a escola e com a sociedade.

[...] é preciso lembrar que criar cidadãos éticos é uma responsabilidade de toda a sociedade e suas instituições. A família, por exemplo, desempenha uma função muito importante até o fim da adolescência, enquanto tem algum poder sobre os filhos. A escola também, na medida em que apresenta experiências de convívio diferentes das que existem no ambiente familiar (LA TAILLE, 2008)

No ambiente escolar o comportamento revela-se nas mais diferentes ocasiões, ou seja, de acordo com Outhwaite (1996), um dos efeitos disso é a atitude de segregação entre as crianças, pois isolam uns aos outros, sendo necessárias orientação e instrução aos alunos na maneira de conviver uns com os outros, orientando e facilitando o caminho para o conhecimento, estabelecendo para isso, uma relação de amizade, de cooperação e respeito mútuos.

Este trabalho pode ser facilitado através da postura do professor frente à classe: atitudes como estabelecer critérios de comportamento a ser seguido pela turma, conscientizar os alunos sobre a importância e a necessidade de conviverem uns com os outros e a respeitarem pontos de vista contrário.

Os conteúdos e atividades propostas devem visar à construção do conhecimento e das potencialidades dos educandos, como a criatividade, a observação, a logicidade, a análise, a interpretação, a alteridade e a vontade de participação social, pela interação entre os indivíduos no desenvolvimento de sua formação pessoal e sua autonomia, para que o conhecimento se reflita em uma cidadania participativa.

3.1.2. Estádio do Desenvolvimento Cognitivo

Segundo Piaget (2005), existe quatro estádios de desenvolvimento cognitivo: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório formal, onde a ordem em que ocorrem esses estádios é constante.

De acordo com o autor, a inteligência é o resultado de uma capacidade inerente ao ser humano de se adaptar a novas situações e realidades.

Neste caso, darei um destaque especial na descrição do estágio pré-operatório, pois o estudo de caso foi realizado com crianças de 05 e 06 anos desta fase as quais se direciona o presente trabalho.

Estádio Pré-Operatório 2 – 7 anos

Devido à existência de representações simbólicas, este estágio marca o início do pensamento. A criança pode representar as ações e objetos através de símbolos. Não necessita de agir imediatamente. Ela exerce a função simbólica ao falar, ao brincar ao faz de conta, ao desenhar.

Este estágio coincide com o começo da aquisição da linguagem, possibilitando na criança a realização de ações mentais, reconstruindo suas experiências passadas e conduzindo a socialização de suas ações (PIAGET, 2005).

Nesta etapa abre-se um novo mundo para a criança em que os símbolos de que dispõe (palavras) se apresentam como substitutos dos objetos e das situações. Estes passam, portanto, a ser representados.

Neste estágio, ao nível do pensamento, a criança é extremamente egocêntrica. Pensa que o mundo foi criado para ela. Ela ainda não é capaz de compreender o ponto de vista dos outros. A criança fica centrada no seu ponto de vista.

Nesta fase, mesmo quando brinca em conjunto com outras crianças, verifica-se que cada uma fala para si sem se interessar pelas respostas dos outros (PIAGET, 2005). A percepção de consciência das ações é parcial nesta fase.

A criança desta fase, por ser egocêntrica, seu comportamento e no relacionamento com outras crianças, ela se torna individualista. Esse individualismo leva a criança em seu dia a dia, a tomar atitudes pensando e agindo de forma inconsciente. Nesse estágio, a criança ainda não possui maturidade cognitiva para se colocar no lugar do outro.

Desse individualismo, originam-se outras atitudes que podem ser observadas como a falta de solidariedade e consideração pelo outro, a segregação e o desrespeito as diferenças. Esse comportamento é resultado de sistemas de representação criados socialmente em diferentes instâncias, onde a criança acaba por reproduzir atitudes em suas relações entendendo-a como normal.

3.1.3. Onde acontece

Conforme destacado na seção 3.1, o processo de socialização ocorre através das relações que ocorrem em diferentes instâncias.

A família é a primeira instância de socialização da criança. Desde o nascimento e durante o seu crescimento até chegar à vida adulta, na maioria das vezes, a criança mora com a família.

A família é o alicerce do desenvolvimento do sujeito. Cabe a ela a incumbência de socialização dos seus filhos. É por meio desse relacionamento, que a criança congrega modelos de interações que irão guiar suas ações de convivência por toda a sua existência. Sua forma de afeto, de compartilhar, de se relacionar, seus valores, assim sendo, seu modo de agir como ser humano, será resultado da experiência relacional de seu intercâmbio familiar. (HANZE, 2011)

Independente da composição familiar, a criança possui pessoas que são responsáveis e se preocupam com seu bem-estar e seu futuro, as quais cabem o dever de encaminhá-lo para a escola.

Existem famílias compostas tradicionalmente, outras diferentes, que são formadas por pais separados, crianças que moram com avós, ou com tios, ou constituído somente por um dos pares, principalmente pela mulher, enfim, o que importa são os laços afetivos que unem essas famílias.

Dentre muitos questionamentos que fazemos durante nossa existência, uma delas, que a maioria das pessoas já se fez é o porquê e para que ir para a escola.

Algumas respostas são que se vai para a escola para aprender tudo o que é necessário. Respostas comuns, como é preciso aprender para ter um emprego bem remunerado e um futuro tranquilo sem muitas preocupações. Outras é que para ser “alguém” na vida é necessário o estudo, ou então, que existe uma lei que diz que os pais são obrigados a mandarem seus filhos para a escola, essa resposta, algumas vezes é utilizada.

Na escola, a criança irá perceber as diferenças das relações e o comportamento das outras crianças com o seu próprio, bem como o dos professores e da comunidade escolar, irá conviver com outras pessoas além dos seus familiares e todos os tipos de situações durante sua permanência no ambiente escolar.

Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o

respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. (BRASIL, 1998, Vol. 2, pág. 41)

Em sua permanência na escola, a criança irá perceber que algumas pessoas vivem, pensam e se comportam de forma diferente a que ela está acostumada e, principalmente ao encerrar esta fase, terá que se adequar a regras e valores ao qual o mundo dos adultos é regido.

Neste contexto, o que diz a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil sobre socialização?

É o que veremos na próxima seção.

3.1.4. O QUE DIZEM A LDB E O RCNEI?

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) estabeleceu-se que:

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, **na convivência humana**, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, 1996, pág. 7) [grifo meu]

Na instância familiar, a criança inicia seu processo de socialização, apropriando-se das regras e valores que aí circulam. É com base nesse aprendizado que ela adquire os primeiros princípios que regulam a convivência humana. Esse processo tem continuidade na escola, por meio da educação formal:

Art. 22 - A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o **exercício da cidadania** e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (BRASIL, 1996, pág. 20) [grifo meu]

Na escola, além do compromisso para com a construção do conhecimento, encontra-se a tarefa de contribuir para que os alunos se desenvolvam enquanto sujeitos capazes de trabalhar em grupos, de aceitar as idéias e opiniões do outro, pois o exercício da cidadania compreende, além do conhecimento científico, a capacidade do sujeito de conviver harmoniosamente em sociedade.

Esse objetivo está presente na escola desde os primeiros anos, na educação infantil, conforme podemos observar no Art. 29 da LDB:

Art. 29 - A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e **social**, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, pág. 25-26) [grifo meu]

O aluno, portanto, é concebido como um sujeito dotado de diferentes dimensões: física, psíquica, intelectual e social.

Fica evidente, nos destaques feitos (grifos), que há uma junção entre as instâncias: família, escola e comunidade e que cada uma possui suas especificidades. A escola complementa as ações familiares, não as substituindo, na intenção de formar indivíduos conscientes de seus direitos e deveres, reconhecendo-se como parte integrante de um grupo inserido plenamente na sociedade.

A instituição de educação infantil [...]. Cumpre um papel **socializador**, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. (BRASIL, 1998, Vol. I, pág. 23) [grifo meu]

Na Educação Infantil, o desenvolvimento da socialização acontece de modo contínuo, estando presente em todos os momentos. Por isso, é importante que o professor esteja atento ao movimento da sala de aula e aproveitar as oportunidades disponíveis para propor atividades que favoreçam o desenvolvimento da socialização, buscando, assim, cumprir com seu papel socializador.

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, [...] respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, Vol. I, pág. 23)

Nesse processo, as propostas de atividades precisam levar em conta os interesses e curiosidades do aluno. A ação dialógica é fundamental na construção das relações interpessoais, pois permite ao aluno falar de seus sentimentos, suas emoções e, ao fazer isso, ele também os reelabora, reformula, re-significa.

[...] Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade

de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim **elaborem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais**. (BRASIL, 1998, Vol. I, pág. 29) [grifo meu]

A escola, portanto, tem um papel fundamental na socialização das crianças na educação infantil. É preciso, no entanto, conhecer as características e a realidade do grupo de alunos – levando em conta suas vivências e experiências - para intervir adequadamente, seja por meio do diálogo ou por meio de atividades ligadas a um planejamento conscientemente e consistentemente construído.

Partindo dessa compreensão, apresento a seguir uma estratégia pedagógica que, acredito, contribui para o desenvolvimento da socialização. Trata-se da “contação de histórias”.

3.2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

3.2.1. Contar histórias, mas quais?

De acordo com Zilberman (2003), a história da literatura infantil inicia-se no século XVIII, com o advento da Revolução Industrial, responsável por várias mudanças, alterando a estrutura social, entre elas, a das crianças.

A partir das mudanças ocorridas, de acordo com Coelho (2000) a criança passa a ser vista não mais como um adulto em miniatura, mas um ser com necessidades e características distintas, e que deve receber uma educação especial para sua formação.

Nas palavras de Regatieri (2008), durante muito tempo a escola foi moldada com o intuito de homogeneizar culturalmente uma nação, embora a literatura sirva também para a informação e a apreensão do conhecimento, sua função primordial é divertir e entreter com prazer.

Além do prazer e do divertimento proporcionado pelas histórias, de acordo com Abramovich (2005), é importante para a formação da criança, ouvir muitas

histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e um caminho de descoberta e compreensão do mundo.

Para fazer essas descobertas e compreender o mundo, na fala de Zilberman (2003), a criança necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. Para a autora, este suporte é dado pela literatura infantil. No caso da educação infantil, então, quais histórias contar? Respalado por Zilberman, apontamos as histórias presentes na literatura infantil, que podem ser lidas ou contadas.

Ler para crianças é importante por que estimula o desenvolvimento intelectual, permitindo que resolvam de modo simbólico situações futuras ou passadas, pois criam para si um mundo que compensa as pressões vividas, sem limites da realidade.

Ler histórias para crianças [...], poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões [...]. É uma possibilidade de descobrir um mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...], através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada um a seu modo)... [...] e, assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... (ABRAMOVICH, 2005, pag. 17)

É através da leitura, que a criança dará os primeiros passos para construir seu mundo.

Se mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos inebriar com a magia, que dirá a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar uma história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico. (BUSATTO, 2003, pag. 12)

Segundo Coelho (2000), a literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola.

3.2.2. Como contar histórias

Desde que nascemos e durante toda nossa vida, ouvimos histórias. Histórias contadas pelas mães, ao embalar o filho para dormir, um familiar que gostaria que alguém soubesse algo que aconteceu ou que poderia acontecer, enfim, é uma gama de informações, situações e acontecimentos que podem ser contados, sejam elas reais ou fantasiosas.

Como já afirmou Regatieri (2008), a contação de histórias tem a função de divertir e entreter, no entanto, para Abramovich (2005), além dessas funções, a autora considera a contação de histórias importante para a formação da criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor, e um caminho de descoberta e compreensão do mundo.

De acordo com Abramovich (2005), é necessário saber contar histórias.

[...] para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e dando as pausas nos lugares errados, [...] Por isso, ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe e emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que por isso, chega no ouvinte...(ABRAMOVICH, 2005, pág. 18-20)

Para se contar histórias, para que haja envolvimento de toda turma, pode-se além do livro, fazer uso do teatro, de sons. As histórias permitem as crianças, maior proximidade devido às situações de impasses que surgem durante os ensaios, escolha do personagem, onde se posicionar, enfim, a vontade de fazer bem feito no sentido que todos se divirtam, tenham satisfação com o realizado e também agradar quem assiste.

Então cabe ao professor a tarefa de elaborar estratégias e técnicas, a escolha do material de acordo com a idade das crianças, o tom de voz, a postura, enfim, planejamento e conhecimento prévios para que atinja seus objetivos de forma a contribuir na formação destas crianças.

3.2.3. Por que contar histórias?

Estamos sempre em busca de algo. Queremos chegar a algum lugar, todos os dias somos bombardeados com novas informações e somos desafiados a ir à busca de mais.

Assim acontece com as histórias. Contamos ou lemos em busca de saber algo. Utilizamos as histórias na tentativa de dar sentido a alguma coisa de maneira saudável. É importante que, primeiramente, se imagine tal coisa, se visualize, e deste imaginário, chegar às hipóteses e soluções possíveis, fazer comparações, perceber fatos.

Como isso irá ocorrer? Esta questão merece atenção. Especialmente se estiver relacionado com a criança da educação infantil.

Para isso, há que se levar em consideração os conhecimentos que a criança já possui ao desenvolver a construção de novos conhecimentos, sabendo quais os percursos que serão necessários para tanto (RCNEI).

Ou seja, dar condições e elementos para que estas dificuldades, possam ser superadas e que a criança possa utilizar isso em benefício próprio.

Sendo assim, através da contação de histórias, o professor deve sempre instigar o aluno à reflexão, problematizar situações que façam a criança pensar, fazer descobertas e construir sua aprendizagem.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKY, 1999, p. 117-118)

De acordo com a Vygotsky (1999), o processo do desenvolvimento não acontece concomitante com o processo da aprendizagem, deste espaço resulta a zona de desenvolvimento proximal,

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

(...) A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamados de “brotos” ou “ flores” do

desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1999, pág. 112-113)

Na fala de Vygotsky (1999), a zona de desenvolvimento proximal é um divisor entre o desenvolvimento real, individual, já internalizado e o desenvolvimento potencial, o que está em processo de maturação, interpessoal.

A criança ao ouvir histórias, se transporta a um mundo onde consegue resolver alguns de seus conflitos, decepções, soluções ou conquistas uma vez que consegue identificá-los comparando com a trajetória dos personagens com as suas próprias vivências.

Dentre as várias respostas possíveis e cabíveis para a questão do por que contamos histórias pode-se destacar, entre elas, o prazer que este ato proporciona para o contador e para o ouvinte, independente da idade.

Além de proporcionar este deleite, a contação de histórias na educação infantil, pode ser vista como um instrumento facilitador para o desenvolvimento de inúmeros temas, situações, comportamentos e atitudes como já foi citado por Abramovich (2005).

Assim, por meio das histórias e das reflexões que são feitas em torno delas o aluno reconstrói sua maneira de pensar, de ver a si mesmo e ao mundo e isso se reflete em suas atitudes.

Aspectos como individualismo, segregação, desrespeito às diferenças e falta de solidariedade são atitudes presentes em diferentes grupos sociais. Na escola, esses comportamentos precisam ser discutidos, analisados a fim de que se possa ter um convívio mais harmonioso entre colegas e também como forma de ajudá-los a aprimorar sua capacidade de relação interpessoal. Para isto, a contação de histórias pode revelar-se uma estratégia de sucesso, pois, ao reunir ficção e realidade, abre espaço para o imaginário e, ao mesmo tempo, permite repensar o real. Dessa relação, mediada pela leitura, pelo diálogo, pela reflexão, o aluno reelabora suas certezas e, muitas vezes, modifica seu comportamento.

Além do desenvolvimento da socialização, a contação de histórias pode contribuir para a construção do conhecimento e da aprendizagem.

A aprendizagem se processa quando trocamos nosso conhecimento com alguém, através de estímulos recebidos a uma determinada “situação” e influenciado pela busca deste conhecimento seja ele causado por fatores internos ou externos ao seu cotidiano.

Para Vygotsky (1989) é pela interiorização de sistemas de signos², produzidos culturalmente, que se dá o desenvolvimento cognitivo.

A contação de histórias proporciona a criança um entendimento do mundo, favorecendo seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

Então, devemos contar histórias para as crianças na educação infantil, na intenção de promover nestas crianças, ideais e atitudes positivas que contemplem a formação de posturas e habilidades, colaborando significativamente para a sua formação pessoal, levando cada um a constituir um ser social.

Nesse contexto, a próxima seção mostra os resultados obtidos referente à utilização da contação de histórias no desenvolvimento do ensino aprendizagem e sua contribuição no desenvolvimento pessoal e social da criança na educação infantil.

² Signos – é a relação que a criança faz para a construção da experiência externa que organiza o pensamento interno

4. RESULTADOS

Este capítulo traz a análise dos resultados obtidos e aos diferentes aspectos de socialização observados durante as atividades de contação de histórias e delas derivadas durante o estágio docente.

Durante o período de observação da turma de educação infantil, procurei fazer um planejamento utilizando como instrumento principal para as práticas pedagógicas a contação de histórias, levando em consideração os saberes adquiridos e a realidade dos alunos.

O prazo para desenvolver o planejamento é previamente estabelecido, de modo que fiz uma seleção dos problemas apresentados pela turma, onde evidenciei características de dificuldade de socialização como o individualismo, a segregação, o desrespeito a diferença, a falta de solidariedade e consideração pelo outro.

Diante dessas dificuldades destacadas, fica evidente a importância da socialização da criança na educação infantil perante os resultados obtidos.

No planejamento das aulas e das atividades, para atingir os objetivos propostos me servi de cinco histórias como segue: A galinha Ruiva, O casamento da Dona Baratinha, Cinderela, Branca de Neve e os Sete Anões e Peter Pan.

Por sugestão, empreguei uma técnica onde fiz uso de mídias como livros ilustrados de histórias infantis, revistas ou jornais, DVD's, CDs, arquivos de som. Cada história era utilizada durante duas semanas, variando as formas de apresentação. Em uma semana, por exemplo, utilizava o livro de histórias e na semana seguinte, a história era apresentada utilizando como recurso audiovisual equipamentos eletro-eletrônicos como reproduutor de DVD e CD, aparelho de som e CD player, projetor multimídia e de informática como *notebook*.

Todos os dias após a contação das histórias eram realizadas algumas atividades em que os alunos descreviam a história ou diversificando o planejamento, contávamos a história e os alunos representavam os personagens, sendo uma forma de contribuição para o desenvolvimento da oralidade e expressão corporal.

Diante disso, faço referência a um dos objetivos gerais do projeto de estágio: vivenciar situações lúdicas que possibilitem a expressão do prazer, de conflito, de frustração, negociação e aprendizagem. Nesse objetivo, a contação da história da “A Galinha Ruiva”, foi de grande valia, pois as atitudes dos personagens, que não

valorizavam a amizade e também não tinham hábitos de solidariedade, influenciaram a mudança de comportamento dos alunos.

O desenvolvimento das atividades realizadas baseadas na história “A Galinha Ruiva”, contribuíram para que os alunos praticassem atitudes de solidariedade entre os colegas (figura 1). Essa prática era realizada quando algum aluno estava ausente, pois na aula seguinte, os colegas informavam o que havia acontecido na aula anterior.



Figura 1 - Contando a história para os colegas

Estando reunidos, cada aluno contava uma parte da história que estava sendo utilizada na semana, conversaram entre si, questionando, pensando, avaliando e interferindo positivamente para que realizassem corretamente as atividades. Estes hábitos continuaram sendo praticados normalmente até o fim do estágio.

Foram várias as mudanças ocorridas na turma em conseqüências das histórias contadas. As histórias contemplam uma série de atitudes, comportamentos, sentimentos presentes nas situações cotidianas.

A história “O casamento da Dona Baratinha”, foi uma história marcante para os alunos e isso se evidencia nas constantes referências que eles faziam a essa história. Essa história motivou-os a observarem mais seu comportamento, nas mais simples atitudes da personagem: a barata compartilha fatos de sua vida com os amigos, valoriza a amizade, é solidária, respeita as diferenças e tem consideração pelos outros, tem decepções, tem conflitos e é necessário tomar decisões, entre tantas situações difíceis e que são possíveis a superação.

Na hora das brincadeiras, enquanto estavam no pátio brincando na casinha de plástico montado no pátio da escola, a história do Casamento da Dona Baratinha era a preferida (figura 2).



Figura 2 – Brincadeiras na casinha

Os alunos imitavam os personagens da história, respeitando e aceitando qual o personagem que cada um queria representar (figura 3), caracterizando a interação, a amizade, a cooperação de forma lúdica.



Figura 3 - Brincando na casinha – O casamento da Dona Baratinha

4.1. A socialização da criança de 05 anos e a contação de história

Antes do início das atividades diárias, de forma que pudéssemos nos conhecer, tanto eu como os alunos faziam relatos, onde eram descritos os acontecimentos da rotina diária. Esses relatos diários são importantes para a criança se sentir valorizada. O fato de ser questionada sobre sua rotina faz com que a

criança se sinta parte integrante de um todo, desenvolve sua auto-estima integrando-o socialmente.

Nas primeiras semanas (figura 4), na hora dos relatos, os alunos não prestavam atenção ao colega que estava falando, os relatos eram superficiais, praticamente tinham sempre o mesmo padrão e enquanto falavam, ficavam fitando a mesa e não olhavam para os outros colegas.

Relato diário do aluno Darci:

- *“Fui pra casa, olhei DVD, dormi, acordei e vim pra escola.”*



Figura 4 - Relatos diários- início

Na maioria das vezes, durante os relatos, os alunos davam início a conversas paralelas sem importância para aquele momento ou ficavam mexendo nos materiais que estavam em cima da mesa e não prestavam atenção ao que o colega estava relatando.

Esta foi uma situação que teve mudança devido à história “O casamento da Dona Baratinha”. As crianças se identificaram com a personagem e, pelo contexto da história, se sentiram mais à vontade para falar da sua vida particular, ter consideração pelo outro ao ouvir o que cada um teria para contar, compreendendo isto como algo natural, se colocando como dispostos a mudar de atitude.

Em função disso, conforme o tempo foi passando (figura 5), os relatos alunos passaram a ter mais riqueza de detalhes.

Relato da aluna Tarsila:

- *“Ontem, depois que cheguei em casa, dormi um pouquinho e depois que acordei, assisti um filme no DVD até minha mãe chegar do trabalho.*

Quando ela chegou, eu, minha mãe e o meu pai, minha irmã e meu irmão fomos na casa da minha vó no Capão da Canoa.

*Meu tio fez churrasco de janta. Eu adoro churrasco.
Depois voltamos pra casa, escovei o dente, dormi, levantei, me arrumei e vim pra escola.”*



Figura 5 – Relatos realizados com detalhes

Outra atitude comum entre as crianças era a questão do individualismo (figura 6), pois os alunos não emprestavam qualquer material entre si, existia colaboração um com o outro, às vezes provocando o desentendimento entre eles e em algumas até o choro.



Figura 6 - O material

Situações como impor que o colega saia do lugar que está sentado, escolher quem senta ao seu lado e quem pode partilhar de seus brinquedos (figura 7), eram atitudes tidas como normais para os alunos.

Os alunos não percebiam a forma que agiam, pois aparentemente, aquilo fazia parte da convivência e da rotina deles em sala de aula, mas mesmo que de forma inconsciente, essas atitudes são formas de praticar segregação.



Figura 7 – Seleção no brinquedo

A contação das histórias que foram utilizadas e as atividades planejadas baseadas nos temas abordados por estas histórias, temas como amizade, família, tolerância, relacionamento, sentimentos, sabedoria, respeito, ética, convivência, companheirismo, diferenças, determinação, pluralidade cultural, formaram uma combinação importantíssima para a transformação das atitudes e comportamentos dos alunos desta turma que apresentava características, de formas isoladas, de dificuldades de socialização.

As dificuldades de socialização apresentada pela turma começaram a se modificar (figura 8) a partir da contação da história “A galinha Ruiva” e principalmente pela história “O casamento da Dona Baratinha”.



Figura 8 – Colaboração entre colegas

Acredito que essa história tenha marcado bastante porque a personagem principal (A barata) se aproxima de uma pessoa real, com suas limitações, sentimentos, decepções, tristezas e, ao longo da história, se vê a superação da personagem e sua capacidade para resolver os conflitos. Ou seja, mostra que todo sujeito é passível de falhas, vive situações difíceis, mas pode superá-las.

Com as mudanças ocorridas na turma, no dia a dia, conforme a história se desenrolava, os alunos já iam antecipando as ações dos personagens.

Nesses momentos havia bastante discussão entre elas em relação às atitudes dos personagens, os alunos debatiam e cada um dava sua opinião de acordo com o entendimento de cada um, fazendo com que os próprios colegas ficassem “cobrando” mudanças de atitudes uns dos outros (figura 9).



Figura 9 – Brincadeira livre - coletividade

O exemplo disso é a da atividade que envolvia a história da “Cinderela” que consistia na identificação dos personagens e dos acontecimentos usando a linguagem oral da história. Essa atividade gerou uma discussão em torno de uma personagem, uma das irmãs malvada da “Cinderela”, que tinha o seu físico um tanto avantajado (gorda), pois rapidamente elegeram uma aluna que era um pouquinho “fofinha” para representar o papel da irmã gordinha. A aluna disse que não era gorda e por isso não faria o papel. Ela seria a Cinderela, a Fada, a irmã magrinha, a rainha, até mesmo a madrasta, menos a outra irmã (gorda e malvada).

Interferi nesta situação questionando aos alunos o que eles pensavam sobre a aparência de cada pessoa, se para eles ser gordo era a mesma coisa que ser uma pessoa má, se consideravam que somente os magros eram bons, enfim várias questões ligadas às diferenças e por que eles acreditavam que a colega teria que fazer o papel da personagem em questão. Depois de algumas considerações, resolveram seus conflitos decidindo que não fazia diferença quem faria o papel e que todos teriam a oportunidade de representar cada um dos personagens da história.

Esse comportamento é resultado de sistemas de representação criados socialmente, ou seja, o aluno, a partir do que observa na sociedade e mesmo do que

vivência nas relações com outras pessoas, acredita que “ser gordo” é ser diferente e percebe que ele é excluído por isso. O aluno acaba por reproduzir essa atitude em suas relações entendendo-a como normal.

Daí a importância do trabalho do professor ao conduzir situações que façam os alunos refletirem a respeito de suas atitudes, na tentativa de que possam se colocar no lugar do outro e a partir disso, tentar perceber qual é o sentimento experimentado.

Em outra aula esta situação ficou bem explícita. Nesta ocasião, a história que estava sendo utilizada era “O casamento da Dona Baratinha”. Uma das atividades era a confecção de palitoches³ dos personagens (figura 10) para a encenação de um teatro com o tema da história.

O impasse se deu por que alguns alunos queriam pintar o mesmo personagem, pensei em fazer uma dinâmica em que ninguém saísse ou se sentisse prejudicado e até mesmo para evitar discussão desnecessária.

Então usando uma pasta de cartolina, coloquei todos os desenhos dentro e pedi que cada aluno retirasse um desenho. Expliquei que desta forma quem escolheria qual o personagem a ser colorido seriam eles mesmos.



Figura 10 – Confeccionando palitoches

Fiz considerações a respeito de ser uma forma justa de agir e que eles teriam que contar com a sorte também, então ninguém poderia reclamar de ninguém a respeito do desenho que escolheu.

A maioria concordou que esta forma estava boa, mas a aluna Tarsila não concordou com a proposta dizendo:

³ Derivado do fantoche. A figura do personagem ou objeto é fixada (colada) em um palito ou uma vareta.

- *“Professora, eu não gostei assim.”*

Perguntei o porquê dela não ter gostado de minha sugestão e ela respondeu:

- *“Assim eu não vou tirar o desenho que eu gostei e não vou poder pintar o que eu quero.”*

Disse para ela levar na brincadeira a escolha do desenho, vai que tivesse sorte e tirasse o que ela queria, pois ninguém poderia adivinhar qual desenho iria pegar. Assim mesmo ela replicou:

- *“Tudo bem. Vou pintar o que eu pegar. Mas mesmo assim eu não gostei.”*

Expliquei então que às vezes as coisas não são como a gente quer e temos que nos adaptar a outras situações. Percebi que ela não gostou muito da situação, mas não deixou de participar e de colorir o desenho.

Em compensação, na atividade que consistia em representar também os papéis dos personagens (figura 11) da história “O casamento da Dona Baratinha”, a situação foi inversa, cada aluno se identificou com um personagem escolhendo para representá-lo, não gerando qualquer conflito entre os alunos.



Figura 11 – Interpretando os personagens da história

Dar liberdade para a criança se expressar, ser espontânea, é a melhor forma de aprendizagem e contribuem no sentido de oportunizar as crianças vivências positivas de socialização (BRASIL, 1998).

4.2. A contação de histórias no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança de 05 anos

A prática de atividades como a contação de histórias é fundamental para o desenvolvimento afetivo e socializador. Dispor de atividades que façam o aluno pensar, fazer descobertas valorizando suas ações, ideais e atitudes positivas, aumenta sua auto-estima e a valorização pessoal, contribuindo para a construção do conhecimento e da aprendizagem.



Figura 12 – Imitando gente grande

O uso de histórias (ABRAMOVICH, 2005), para refletir e ou exemplificar algumas ocasiões, levam o aluno a perceber as situações de conflitos vividos no dia-a-dia. Essas histórias o levam a refletir sobre seus atos, potencializando a capacidade de encontrar soluções para os problemas, possibilitando a compreensão e a transformação da realidade.

As situações diárias vividas na sala de aula e as atividades orientadas, condicionam o aluno ao desenvolvimento de suas habilidades cognitivas e afetivas.

Com relação a esta situação, em uma das aulas a proposta era fazer um auto-retrato. Nesta ocasião, estava fazendo uso da história da “Branca de Neve e os Sete Anões.

Tendo como base atitudes da Rainha da história contada, a qual ficava em frente ao espelho e só admitia respostas afirmativas quanto a sua beleza, os alunos (figura 13) deveriam descrever a seqüência e debater sobre a questão da beleza e como cada um se percebia frente ao espelho.



Figura 13 – Imagem e semelhanças

No decorrer da atividade, uma das alunas disse que se achava linda. Outro aluno disse que achava o pai mais bonito, concordei com ele, mas, fiz algumas considerações ressaltando que independente das condições, ele deveria gostar de si e se considerar bonito primeiramente. Acredito que é importante desenvolver uma imagem positiva de si mesmo. É muito importante incentivar e apoiar esta atitude do aluno. É desta maneira que ele se auto-afirma.

A criação do auto-retrato (figura 14) foi uma atividade que contribuiu para a construção da identidade e da autonomia dos alunos. A maioria deles se reconheceu como pessoa, cada uma com suas particularidades, as diferenças entre cada um, isso fez com que ficassem conscientes um dos outros, aceitando, naquele momento, todas as descrições ou comparações que foram feitas entre eles.

Além do envolvimento das crianças e do reconhecimento das atitudes, esta atividade possibilitou situações de interação e construção da auto-imagem, favorecendo trocas e a percepção do outro.



Figura 14 – Auto-retrato

Como fora citado anteriormente, a escola é a principal fonte de socialização para criança.

Isso fica evidente devido à importância e o papel desempenhado pela escola como também o da contação de histórias na formação pessoal e social, onde o resultado está refletido na interação e na integração social dos alunos da turma de educação infantil.

São tantas oportunidades e benefícios que a contação de histórias promove nas crianças, pois “O casamento da Dona Baratinha”, foi uma história tão marcante que mudou as atitudes e o comportamento de uma turma inteira.

Os alunos foram influenciados pela história de tal maneira que ela foi escolhida para ser representada e apresentada aos pais no dia da formatura das turmas do pré-escolar.

Fica evidente dessa forma, que a contação de histórias favorece a socialização e contribui para o desenvolvimento pessoal e social da criança na educação infantil.



Figura 15 - Apresentação de teatro na formatura

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi descrito neste trabalho, o objetivo principal foi refletir sobre as práticas pedagógicas em relação à utilização da contação de histórias no desenvolvimento da socialização da criança na educação infantil, frente às inúmeras situações vividas no cotidiano escolar.

Assim, considerando o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão da pesquisa: Qual a influência da contação de histórias na socialização da criança na educação infantil? A qual partiu da hipótese que: A contação de histórias favorece a socialização, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social da criança de 05 anos na educação infantil.

De acordo com o analisado, o uso da contação de histórias influenciou na atitude dos alunos, pois obtiveram conhecimento de regras e valores contidos nas histórias e que foram absorvidos no sentido de ajudar a enfrentar os conflitos existenciais e a lidar com os medos, mostrando como resolver os problemas e a compreender as coisas ao seu redor de forma lúdica.

As possibilidades da contação de histórias foram analisadas ao longo das nove semanas de realização do estágio docente, permitindo o envolvimento dos alunos, a receptividade e disposição de cada aluno no convívio diário entre os pares e a comunidade escolar.

Ao iniciar o estágio, os relatos pessoais dos alunos eram restritos, não se obtinha uma informação pessoal e raramente descreviam alguma situação familiar. As histórias usadas nas atividades refletiam situações corriqueiras como fazer um bolo, limpar a casa, ir ao baile, adquirir uma roupa nova, enfim, situações e ocasiões ao alcance de cada um e outras mais complexas como casamento, abandono e morte.

Durante o contato com as histórias, independente da forma utilizada para a contação, conforme percebesse a necessidade, parava a exibição, retrocedia as cenas, às vezes algum aluno fazia algum comentário e os colegas debatiam a questão. Nestas ocasiões, aproveitei para fazer algumas comparações com as atitudes dos próprios alunos. No início do estágio, alguns alunos não queriam sentar perto de outro, escolhendo quem poderia sentar do seu lado, compartilhavam

poucos materiais didáticos e pedagógicos, não se interessavam pelo o que o colega dizia, entre outras situações rotineiras.

Então, gradativamente, as semanas foram passando e com a ajuda das histórias, esta situação foi se modificando. Sempre tinha umas personagens em cada história que os alunos se identificavam, por suas atitudes, sendo elas boas ou más. Também as histórias representavam situações que ocorrem em sala de aula, ou às vezes algum exemplo pessoal ou familiar presentes em nosso cotidiano.

O uso de histórias para refletir e ou exemplificar algumas ocasiões, levam o aluno a perceber as situações de conflitos vividos no dia-a-dia. A partir disto, ficou mais fácil para os alunos falarem de si mesmo, uma vez que eles faziam comparações entre a “vida” dos personagens e a deles.

É importante que vejamos o uso da contação de histórias como elementos de grande importância na construção da identidade, do conhecimento, na formação do caráter, além de oferecer à criança a possibilidade de explorar o seu “eu” interior proporcionando uma compreensão de si próprio e do mundo.

A utilização da contação de histórias permitiu a criação de um ambiente saudável, onde diminui o individualismo, uma melhora significativa em relação a segregação, que auxiliou os alunos a lidar e respeitar as diferenças, o que favoreceu a prática da interação, uma vez que perceberam a importância de cooperar, passaram a brincar em grupo, tornando-os mais sensíveis e solidários com os colegas.

A segregação entre os alunos foi evidenciada na caracterização dos problemas da turma. Quando era proposta alguma atividade que a turma tivesse que ser dividida ou formar duplas, principalmente nas atividades e brincadeiras livres, os alunos se organizavam, um aluno escolhia um ou outro e os demais eram excluídos, principalmente se o brinquedo não fosse os que estavam disponíveis na escola.

Outra situação observada na turma foi em relação ao respeito às diferenças dentro do aprendizado. No início competiam entre si para ver quem era o primeiro a terminar as atividades. Tomei o cuidado de conduzir a situação de forma que naquele momento, a questão não era quem iria terminar primeiro, mas ter calma e fazer bem feito e, principalmente se a atividade tinha contribuído de alguma forma para o seu aprendizado. Fiz considerações no sentido de esclarecer em que momento é saudável competir. Combinamos que deixaríamos para as brincadeiras

no pátio, ou em alguma gincana ou outro tipo de atividade que tivesse alguma premiação.

Nos problemas caracterizados apresentados pela turma, a contação de histórias teve grande influência, pois contribui para que fossem desenvolvidos conceitos mostrando a importância da solidariedade e da consideração uns pelos outros, tanto no ambiente escolar como no familiar.

Estabeleceu-se um ambiente saudável, onde os alunos passaram a dar mais detalhes da vida pessoal, falando de si e dos acontecimentos familiares, tornou-se produtivo e enriquecedor, pois discutiam as questões em grupo e se dispunham a colaborar mutuamente.

Isso foi facilitado devido às várias situações apresentadas em sala de aula tendo como base as histórias contadas. Aos poucos as crianças foram adquirindo confiança em si e nos colegas, aumentando assim a auto-estima e a valorização pessoal, fazendo com que elas se sentissem parte integrante de um todo e que suas contribuições eram importantes para aquele momento.

Assim, acredito que o que mais contribuiu para que se realizasse essa interação e integração entre os alunos, foi que desde o primeiro momento, me condicionei e me comprometi, respeitando a bagagem emocional e intelectual de cada criança. Numa situação em que eu era detentora da teoria, a prática só seria possível se eu tivesse colaboradores.

Assim, para que isso fosse possível, eu teria que conquistá-los. Teria que dar muito de mim para ganhar a confiança dessas crianças. Foi o que fiz. Estabeleci com as crianças uma relação de amizade baseado no diálogo, na afetividade e respeito à condição de cada uma.

Tive que me empenhar muito para aprender a contar uma história. Adaptar-me as características dos personagens para fazer a representação durante a contação das histórias. Tive que ter responsabilidade ao dar respostas aos questionamentos dos alunos não subestimando a inteligência e a capacidade de interpretação deles, sendo principalmente imparcial e não omissa, uma vez que minhas intenções eram contribuir para a formação pessoal e social de cada um.

Enfim, posso considerar que os resultados deste trabalho, foram extremamente gratificantes, pois foram evidentes as influências da prática da contação de histórias como instrumento de socialização na criança de 05 anos na educação infantil. Posso afirmar que a dedicação dispensada, o planejamento

executado, as técnicas empregadas, as orientações recebidas, as dificuldades encontradas, entre tantas situações vividas durante o estágio docente, principalmente, a participação absoluta dos alunos, foram elementos vitais na realização deste estudo para que o resultado final fosse satisfatório. Esse resultado está refletido na interação e na integração social dos alunos da turma de educação infantil, pois, as evidências apontam que houve redução do individualismo, arrefecimento da segregação, passaram a desenvolver práticas de solidariedade, de respeito às diferenças e de consideração pelo outro.

Da mesma forma, os estudos oportunizaram uma reflexão sobre minha formação, como indivíduo que é parte integrante de uma sociedade e devo estar comprometida com ela.

Esse estudo não termina aqui.

Há que se dizer que se são muitas as possibilidades de investigação tendo como tema a contação de histórias. Uma questão que poderá ser investigada futuramente é sobre a influência de diferentes mídias como instrumento na contação de histórias, analisando de que forma a própria contação de história se modifica e que percepção é desenvolvida nas crianças com essa nova forma de contar.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione; 2005
- BORSA, Juliane Calegaro. **O papel da Escola no processo de socialização infantil**; Psicologia.com.pt - O Portal dos Psicólogos. Documento produzido em 18.07.2007. Disponível em: http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0351&area=d6&subarea=. Acesso em: 01 jun. 2011
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, 5. ed. Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. 4.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- DOHME, V. **Técnicas de contar histórias**. 7. ed. São Paulo: Informal, 2000.
- GIL, Antonio Carlos - **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas; 1995.
- HANZE, Amélia. Princípios organizadores do comportamento. **Canal do educador. Brasil Escola**. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/principios-organizadores-do-comportamento.htm>. Acesso em 01/06/2011
- LA TAILLE, Yves de. Nossos alunos precisam de princípios, e não só de regras. **Revista Nova Escola**. Entrevista concedida a Amanda Polato. Edição 213. Jun/Jul 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml>. Acesso em: 01 jun 2011.
- OUTHWAITE, William. (Ed.), BOTTOMORE, Tom (Comp.). **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- REGATIERI, L.P.P. Didatismo na contação de histórias. **Em Extensão**, v.7,n.2, p. 30-40, 2008. Disponível em: http://revistadeextensao.proex.ufu.br/include/fgetdoc.php?fid%3D565%26article%3D187%26mode%3Dpdf&ei=BIPSTdr1LYbn0QH3_HzCw&usg=AFQjCNHTS-9gGjJrSI01TLVq2DbabKNfzQ&sig2=JVyV6iY_ZQZolmmtC76oXg. Acessado em 05/04/2011

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003

APÊNDICE A – Histórias utilizadas

A Galinha Ruiva, de autor Frances Rodrigo Pinto - História retirada do livro Baú do Professor vol. 4, Editora FAPI

Branca de Neve e os sete anões

Disponível em: http://www.contandohistoria.com/branca_de_neve_hist%C3%B3ria.htm. Acessado em 30/09/10

Branca de Neve e os 7 anões – DVD light – vídeo brinquedo, Novodisc Mídia Digital da Amazônia Ltda.

Cinderela

Disponível em: <http://www.contandohistoria.com/cinderela.htm>. Acessado em 30/09/10

Cinderela

DVD light – vídeo brinquedo, Novodisc Mídia Digital da Amazônia Ltda.

O casamento da dona Baratinha – Eunice Braido, Editora: FTD, Ano: 2006, Edição: 1, Coleção: HORA DE LER

O casamento da dona Baratinha – Som de formato MP3 – origem: dc376.4shared.com

Disponível em: http://www.4shared.com/get/tMSfvL7s/O_Casamento_da_Dona_Baratinha.html

Peter Pan

Disponível em: <http://www.contandohistoria.com/peterpan.htm>. Acessado em 30/09/10

Peter Pan

DVD light – Os Clássicos Infantis, Fivestars Distribuidora de Filmes Ltda. – São Paulo

APÊNDICE B – Termo de Consentimento



AUTORIZAÇÃO

AUTORIZO a Estagiária Rosana Maria dos Santos, aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Faculdade de Educação (FACED), curso de Graduação em Pedagogia Anos Iniciais do Ensino Fundamental, modalidade de Ensino a Distância, a fazer uso das imagens de vídeos e fotos do meu filho....., durante o período de realização do estágio docente supervisionado realizado com a turma do Pré-II, na E.M.E.I. Madre Teresa.

.....
Assinatura do Pai ou Responsável

Estarei à disposição dos pais ou responsáveis, durante o período de duração do estágio, no turno da manhã, na Escola Madre Teresa para prestar qualquer esclarecimento que se fizer necessário.

Atenciosamente,

Rosana Maria dos Santos
Mat. 164279 - UFRGS

Terra de Areia, setembro de 2010.

Nota: Os vídeos e fotos serão publicados no Pwork do estágio. O Pwork é uma página pessoal, onde faço postagens do material do estágio de forma a comprovar a prática efetiva do estágio. Como se trata de uma página da Internet, somente pessoas autorizadas terão acesso a este conteúdo. Nenhuma imagem ou foto será divulgada livremente na rede mundial (internet).

ANEXOS



AUTORIZAÇÃO

AUTORIZO a Estagiária Rosana Maria dos Santos, aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Faculdade de Educação (FACED), curso de Graduação em Pedagogia Anos Iniciais do Ensino Fundamental, modalidade de Ensino a Distância, a fazer uso das imagens de vídeos e fotos do meu filho Ana Carolina Silva dos Santos, durante o período de realização do estágio docente supervisionado realizado com a turma do Pré-II, na E.M.E.I. Madre Teresa.

Rosana Maria dos Santos

Assinatura do Pai ou Responsável

Estarei à disposição dos pais ou responsáveis, durante o período de duração do estágio, no turno da manhã, na Escola Madre Teresa para prestar qualquer esclarecimento que se fizer necessário.

Atenciosamente,

Rosana Maria dos Santos
Mat. 164279 - UFRGS

Terra de Areia, setembro de 2010.

Nota: Os vídeos e fotos serão publicados no Pbwork do estágio. O Pbwork é uma página pessoal, onde faço postagens do material do estágio de forma a comprovar a prática efetiva do estágio. Como se trata de uma página da Internet, somente pessoas autorizadas terão acesso a este conteúdo. Nenhuma imagem ou foto será divulgada livremente na rede mundial (internet).